

João Jacques Ferreira Lopes

Eram três as minhas tias paternas. Atenderam até à velhice pelos diminutivos de família: laiá, Santinha, Dondon.

A primeira, ensinou línguas aos irmãos. A segunda, piano a meio mundo, em Fortaleza. A última, inaugurou, como soprano ligeiro, o Teatro José de Alencar e o órgão de tubos da demolida Sé.

Todas eram professoras de música da Escola Alberto Nepomuceno, instalada, nos seus primórdios, em sólido imóvel à esquina da Guilherme Rocha com Barão do Rio Branco. Lembro-me tanto do sobrado senhorial antigo! Varandas de ferro fundido prateadas punham como que punhos de renda na indumentária da secular arquitetura.

No fim do ano letivo, davam uma festa, na qual exibiam em público as suas melhores alunas.

Na véspera de uma dessas audições, estavam limpando o salão nobre, os seus tapetes figurativos, os seus lustres de cristal, o seu teto de zinco estampado, as suas paredes enriquecidas com desenhos a óleo, de temas europeus.

Foi quando, menino ainda, escutei de um dos encarregados da ornamentação, em meio à azáfama geral, a seguinte ponderação:

— A alegria de uma festa, dona, depende muito das luzes.

E, em função desse conselho, aumentou-se, no recinto engalanado, o número de lâmpadas.

Hoje, o conceito de alegria se modificou bastante.

Há uma propensão, sensual até, à meia luz ou à treva cúmplice das *boites*.

No auge das folganças modernas, chega-se a apagar totalmente os pontos elétricos, para que, por exemplo, os partícipes de um baile entrem num túnel ou no colapso do auto-comando.

Aqui, porém, nesta noite, o contraste é flagrante. Neste salão circunspecto, em que estudou e escreveu seus livros uma das mais fortes expressões da intelectualidade conterrânea — Tomás Pompeu de Sousa Brasil —, foi programada uma festa. A festa muito íntima da minha entrada para a Academia Cearense de Letras.

Embora eu venha de um passado com o pensamento do qual concordo plenamente, isto é, aquiesça em que a alegria das festas depende das luzes, não me é lícito, na minha insopitável e natural vaidade humana, querer mais claridade, por fora e por dentro da alma, quando tantos espíritos de eleição me deslumbram com os lampejos próprios e me honram sobremaneira com a sua presença.

Pelo contrário. Eu devera, afinando, em proveito pessoal, com os costumes ou as audácias da atualidade, pedir que não me focalizem tanto e que, com um pouco de compreensão e benevolência, me deixem na penumbra, onde, de certo, os defeitos aparecem menos, se diluem.

Os maometanos costumam usar, quando palmilham o deserto, pesadas vestes de cauda. Crêem eles apagar, com as pontas do manto rastejante, nas areias movediças, o rastro dos pés, e assim ludibriar a Morte.

Comigo, homem do asfalto e dos intensos convívios, dá-se o inverso. Mesmo que eu pretendesse desfazer a marca dos sapatos, os gabinetes de identificação policial teriam elementos para bem informar às Parcas. De modo que a minha grande questão, no mundo, é enganar a Vida. E o faço, deitando pedrinhas pelo chão, assinalando o meu caminho, a fim de que me encontrem sempre, a fim de que eu não seja um solitário no meio da multidão, a fim de que não me torne um esquecido.

Esse cascalho indicador não lembra absolutamente as moedas que o Rei Midas jogava para trás, na ânsia de, em se empobrecendo, enriquecer os outros e sofrer menos a desgraça de transformar em ouro tudo aquilo em que punha as mãos. Não tenho bens materiais com que minorar a situação financeira alheia. Os seixos que me ficam à esteira são meus escritos diários, minhas idéias e conceitos, são as verdades que, como frutos sobejantes, vou colhendo na seara dos outros e cujas sementes vou depois espalhando, pela euforia íntima de que renasçam em outros corações.

E, destarte, vou enganando a Vida e a mim mesmo, enquanto a Morte não chega, com ares de redentora, propondo-se emoldurar de virtudes a existência de quantos, como eu, dispensam ou procrastinam indefinidamente o seu concurso.

Acode-me a propósito à mente o recurso estratégico de que se valeu, para entrar na Academia Romana, o cirurgião e pintor Antônio Scacciati, que não gozava, pelas suas façanhas, de excelente reputação. Solicitou ele ao seu amigo Salvador Rosa que o matasse. Não com veneno ou arma branca. Não criminosamente. Mas com a notícia de seu falecimento transmitida matreiramente de boca em boca.

E, tendo sido louvado em prosa e verso, depois do arditoso boato, como um príncipe do pincel e um rei do boticão, redimido de suas faltas e agigantado pelas lentes da consideração póstuma, o silogeu italiano o elegeu em unânime e consagrador escrutínio.

Ganha a eleição, apareceu a alma. A alma zombeteira e ainda encarnada de Scacciati...

Perdoem-me, em hora tão circunspecta, trazer à baila o humorismo de um colega de imprensa, de nome nacional, que, segundo as suas próprias palavras, hoje ainda ri muito, ri até demais, mas não acha graça em nada: Aporelli.

Na sua sensata e galhofeira opinião, não são os mortos que comandam os vivos, mas os mais vivos...

Nesta noite de gala, em que a féerie vem da platéia, tenho que apresentar-vos, Senhores Acadêmicos, na suspeição

da minha fala, ao menos algumas raras credenciais com que lograr sentar-me a vosso lado, credenciais que sejam justificativa amanhã, para vós, quando vos pedirem conta do gesto largo com que me acolhestes.

Em minha profissão jornalística ou de literato do cotidiano, devotei-me honestamente à Verdade e à Beleza. E, se subi até poder ser alcançado pela vossa mão soerguedora, foi à custa dessas duas asas extraordinárias.

Sempre amei a Verdade.

A Beleza toda vida me seduziu.

Em procura de uma quero chegar à plenitude de Deus. Atraído pela outra, esforço-me, como as libélulas fototrópicas, por não me queimar ou sucumbir, vítima da imprevidência, dos descaminhos cu vãos cegos, das ousadias temerosas, fatalmente prejudiciais.

Dentro dos princípios filosóficos da Verdade, eis que distingo perfeitamente a verdade lógica da verdade transcendental. A primeira, sendo a conformidade da inteligência com a coisa, me parece muito menos nobre e apaixonante que a segunda, também conhecida como ontológica ou a relação de identidade de natureza entre uma coisa qualquer e um seu pressuposto ideal, entre algo e o seu melhor.

Há uma necessidade de relacionarmos os seres com a inteligência divina. E a Teodicéia explica a verdade transcendental de tudo que há no universo.

Tanto mais isso é autêntico quanto o seu elo de ligação com a inteligência suprema desta se achar mais próximo.

Não se pode assim prescindir de Deus quando se busca a perfeição da Verdade.

A verdade lógica é fria. Não passa da dissecação do ser. Ao passo que a verdade transcendental nos impele sempre para mais alto numa escala de calor e vibração semelhante à de quem se aproxima cada vez mais da Luz ou do Sol.

A verdade dos fatos, análoga à dos seres, também não me empolga se não quando dentro das relações de perfectibilidade que nos une com o Autor de tudo e de todos.

Por outro lado, o Belo, não sendo uma propriedade transcendental do ser, porque a este não se atrela de pronto, mas

por via da Verdade e do Bem, não se me afigura tão belo — desculpem-me a pleonástica explicação — se não quando, deleitando-nos a nós próprios, desperta alegria nos outros, como fonte de leite individual e de complacência coletiva, ou seja, de prazer singular e plural a um só tempo.

E a Beleza que me sacia a fome estética é aquela que desperta uma alegria mais espiritual ou incorpórea que sensível e material. A Beleza que imanta apenas os sentidos não me basta. Parece assaz precária, frágil, fugitiva. Nunca nos farta o ouvido a música nem os olhos a geometria dos seres. A gama é infinita. E, como o ar atmosférico, sai do condensado ao rarefeito em busca do invisível e imaterial.

Nessas alturas de uma divagação talvez intempestiva ou obscura, vêm-me aos lábios, inevitáveis e profundos, aqueles versos da poetisa Emily Dickinson, na tradução admirável de Manuel Bandeira:

*“Morri pela Beleza, mas, apenas estava
acomodada em meu túmulo,
alguém que morrera pela Verdade
era depositado no carneiro contigo.
Perguntou-me baixinho o que me matara.*

— A Beleza, respondi.

*— A mim a Verdade. É a mesma cousa,
somos irmãos.*

*E, assim, como parentes uma noite se encontram,
conversamos de jazigo a jazigo,
até que o musgo alcançou os nossos lábios
e cobriu os nossos nomes. . .”*

Com esse poema tão expressivo, eu encontro uma transição nobre, um trampolim bastante elástico e poderoso para começar a discorrer sobre dois poetas do Ceará, o Patrono da Cadeira 28, Mário da Silveira, e o seu sucessor nesta Academia, Júlio Maciel, a quem rendo no posto como simples pensador e não como filho legítimo das Musas. Minha poesia é terrivelmente bissexta. . .

Mário da Silveira, cuja obra literária mereceu elogio póstumo de Júlio Maciel, em trabalho de fôlego pronunciado nesta Academia e transcrito em números consecutivos de *O Povo*, de dezembro de 1932, não pede maiores e mais justos encômios. Apenas me parece deslembado dos pósteros, talvez porque os seus melhores sonetos e os seus poemas de mais requintado labor se sepultaram com sua memória pródiga, restando tão-somente, mas o bastante para ornar-lhe a frente olímpica, como se fora de murta, o seu *Coroa de Rosas e de Espinhos*.

Mário era um espírito universal. Sem vínculos no tempo em que viveu, sem compromissos com o ambiente que respirava.

No tomo primeiro dos *Anais da Casa de Juvenal Galeno* (1940), está inserta uma substanciosa e erudita Conferência sua: "A Eterna Emotividade Helênica", onde demonstra à saciedade o seu talento de pesquisador e de crítico, voltado de todo para a Grécia da estatuária em mármore e da técnica do verso, das formas físicas e da métrica do pensamento.

O amor, no seu entender, era o que de mais universal pode existir no mundo e num átimo da vida humana.

É outro poeta, Sales Campos, que, à beira de seu túmulo, perora um comovido adeus, aludindo àquela jóia literária que assim termina:

*"Eu sei que tudo é como fumo leve:
Foge, mas, porque a vida seja breve,
Há sempre um dia a mais para quem ama".*

Repito:

"Há sempre um dia a mais para quem ama".

E esse dia é todo aquele dia, como o de hoje, em que se rememora, com os seus carmes, toda a paixão que lhe ia na alma e o devorava, e o engrandece, e o ressuscita, e o sublima!

Mário era poliglota. Além do grego, em que se aprofundara, traduzia corretamente o francês, o inglês e o italiano.

Lia muito *Esprit de mouche*, todavia, jamais ia até à última página de um livro. Pousava logo noutro.

Na velha Capital, trabalhou no jornal de João do Rio, que logo sentiu a sua pouca aptidão para a notícia ou o comentário político. Tinha a inquietação dos grandes artistas. E essa qualidade João do Rio não se cansava de proclamar.

Mário morava numa república, na Rua Dom Manuel, em Fortaleza. Uma república metida a casa de família, pois era dirigida por D. Maria Cirino, que tinha verdadeira adoração pelo poeta. Nada lhe cobrava pela comida, pela morada e pela roupa lavada e engomada.

Essa afeição sincera de boa hoteleira pelo poeta chegou ao ponto de ela mandar desenterrar os ossos do rapaz do Terceiro Plano do Cemitério, onde jaziam anonimamente, e guardá-los em lugar até hoje ignorado.

Os amigos de Mário, a esse tempo, eram Gastão Justa, Sidnei Neto, Jáder de Carvalho, Newton Craveiro, Teotônio de Ouro Preto.

Essa plêiade de intelectuais se reunia, todas as noites, até quase de madrugada, na Praça do Ferreira. Mário recitava sonetos e trechos de trabalhos literários que jamais levava ao papel.

Era um boêmio limpo, paradoxalmente aristocrata. Sonhava coroar-se de rosas em praça pública.

Nas suas viagens para o interior do Estado, onde residiam seus pais, sua bagagem se compunha unicamente de um baú de livros.

Quando se desmanchou o seu noivado com uma senhora da sociedade de Fortaleza, não aludia nem permitia que outros aludissem sequer ao nome dela.

Envenenaram, todavia, o espírito do segundo noivo dessa donzela, um temperamental. E Mário foi por ele abatido, sem jamais atinar com o que se passava à margem de seus passos.

Mário enterrou-se com a única roupa que possuía: um terno de xadrez, sempre muito escovado, de vincos sempre vivos, tendo sido encontrada em seu bolso uma simples moeda de tostão.

O que de melhor se recolheu de sua lavra está na publicação póstuma *Coroa de Rosas e de Espinhos*, parte muito diminuta das suas produções em versos e prosa, pois era de memória que as guardava.

Aos dezessete anos, Mário já vaticinava que o seu reino também não era deste mundo, lavrando em mármore versos como o deste terceto:

*“Meu verso é um Prometeu agrilhado ao chão.
Um reflexo de luz, um bocado de sol
Que pede a luz, que implora o Sol da Perfeição”.*

Os poetas, na mocidade, são universais. Depois de maduros, lançam raízes mais profundas no chão, se tornam xerófilos, se assim podemos dizer, abusando, aliás, de um termo muito nosso, bem nordestino.

É Guilherme de Almeida quem abona a assertiva no seu trabalho *A poesia romântica brasileira*, escrevendo *ex cathedra*:

“Se a Poesia fosse a rosa, para que o canteiro?... Poesia é a terra. Separada desta, será apenas verso, pedaço, coisa amputada que murcha, apodrece, acaba.

Poesia é a terra. E o poeta, a divinatória consciência da terra. Intuitiva e indistintamente, ele sabe que é preciso ser da terra. Pois ela, somente ela, é que dá a sensação da posse e, pois, a nobre convicção dos direitos e deveres, para a transfiguração final na flor inteligente da Beleza.

A terra! Ela é o centro do círculo, o ponto em torno do qual se alargam até o infinito todas as concêntricas ondulações que o homem abre ao redor de si: a casa, o quarteirão, o bairro, o distrito, a cidade, o município, o Estado, a Pátria, o continente, o mundo...

Ela é a niveladora que equipara os homens.

Este é o lavrador: — é com uma genuflexão de humildade que ele amanha a gleba, com um gesto de bênção que ele atira a semente, com um carinho de pai que ele poda e enxerta, com um beijo de amante que ele prova o fruto.

Este é o crente: — nas mais soltas e mais altas fugas da Fé, quando ele mais precisa do seu Deus e do seu céu, sente, súbito, a saudade do chão e ajoelha-se.

Este é o morto, o cadáver, o resto, o inerte: — tão apegado à propriedade que chega a pesar mais, que são precisos quatro homens (quatro contra um), para arrancá-lo à partícula da terra que era sua e dá-lo à terra que é de todos. . . .”

Erich Maria Remarque também dá seu testemunho: “Para ninguém a terra é tão importante como para o soldado. Quando ele se aperta contra ela longamente e com violência, quando ele mergulha fundo o rosto e os membros nos pavores mortais do fogo, então, ela é que é o seu amigo, o seu irmão, a sua mãe. Seu medo e seus gritos gemem, no silêncio e no asilo da terra.”

Para não ir muito longe nas nossas citações, bastaria, para robustecer a idéia de que a poesia é a terra, reportar-nos à prata de casa: ao poeta Cruz Filho, que escreveu *História do Ceará*; ao poeta Mário Linhares, que publicou *História da Literatura do Ceará*; ao bardo Juvenal Galeno, autor de *Lira Cearense*; a Jáder de Carvalho, autor de *Terra Bárbara* e *Terra de Ninguém*; a Raquel de Queirós, também poetisa, com o romance *O Quinze* ou a história da nossa seca; a Filgueiras Lima, com os poemas enfeixados em *Terra da Luz*; a Antônio Sales, com o seu livro *Minha Terra*; e a Gustavo Barroso, o fino poeta de *As Sete Vozes do Espírito* com o seu magistral *Terra de Sol*.

Júlio Maciel é um poeta da terra. *Terra Mártir* o seu primeiro livro de versos.

Poemas da Solidão, o seu segundo livro, principia com o soneto “Árvore Apedrejada”. E o autor se identifica, *in limine*, com esse vegetal que enfia raízes no chão e vai ao âmago das cousas “indiferente à mão que os galhos lhe apedreja. . . .”

Ainda está morna a cova em que deitou, como a semente de muitos versos que continuam florindo e aromando os ares da nossa terra, o seu corpo franzino, leve, sutil, portátil, o parnasiano filho de Baturité.

Todos somos seus contemporâneos e não desconhecemos sua vida de sentimental, de romântico à moda antiga, coerente com a sua formação ao mesmo tempo simbolista.

Sem as perspectivas da distância cronológica para bem apreciar-lhe os contornos mais relevantes de sua existência fecunda e interiorizada, de homem da solidão, de homem encastelado na torre de marfim dos seus sonhos, devo aceitar a recomendação de um crítico francês segundo a qual “as autobiografias, como os auto-retratos, são as que mais se parecem com o original: basta tirar-lhes, para serem perfeitamente fiéis, um adjetivo ou uma pincelada a mais”.

Júlio Maciel usou consigo daquele expediente de que certos fotógrafos se valem quando não confiam na habilidade alheia e põem, à sua frente, a própria máquina daguerreotípica, munida de um obturador de ação retardada. Proferiu uma palestra sob o título “Poesia e Mocidade”, em que, sem ânimo intencional, focaliza sua pessoa, seu meio, sua obra.

E é ali que relata, com precisão, passagens bem coloridas de sua vida no interior e confessa o seu apego à terra.

“Bastavam-me vinte ou trinta vaquinhas leiteiras como há tantas por aí. Que poesia fazer em Cedro, Russas, Granja e outras Arcádias semelhantes? Tentar o gênero pastoril. Por ali, nem Virgílio teria feito as *Bucólicas*.”

Em “Poesia e Mocidade”, reportando-se à profissão de juiz, que por longos anos exerceu, afirma: “Louvado seja Deus! Não dei lustre à magistratura cearense. Mas Deus testemunhará que, ao deixá-la, não trouxe comigo nenhum remorso.”

Adiante, esclarece: “Qualquer que seja a minha classificação, sempre me considereí poeta lírico. Ainda que me faltassem rugas e cabelos brancos, não me seria possível negar a idade, porque já tornaram público que nasci em 1888. Poeta dos três oito. . . Adeus, Poesia!”

E acentuou: “Só a poesia lírica — mocidade e amor — inspira a Bonfim Sobrinho o seu “Noivado Fúnebre”. Só a poesia lírica — mocidade e amor — ressuscita, dentro da terra, o coração de Guimarães Júnior.”

Para mostrar, mais uma vez, como poesia é terra e como a poesia de Júlio Maciel nos seus vãos condoreiros não viajava em hidroavião, mas aterrisava sempre em pista firme, nas suas plagas, recorra-se ainda às suas próprias palavras: “Eu sempre achei o Paraíso, que alguém situou no Brasil, muito mais poético do que o monte da Grécia. Há quem diga que o homem provém do mar. Penso que ele provém do Eden, fonte inexaurível de poesia.”

Júlio Maciel é um legítimo poeta da terra. E cantou-lhe as duas faces: o sertão, que, garimpeiro do próprio pão, mas bandeirante de versos mais preciosos que esmeraldas, perlustrou por longos anos; e a praia, cujas dunas, como num travesseiro de espumas, repousou, na velhice, a cabeça prateada pelo luar dos anos e das argêntas idéias.

“Verde” é um soneto que traz a marca do sertão farto da água do inverno e estuante de clorofila:

*“Há uma ressurreição no sertão rudo.
Uma ressurreição: — Verde e risonho
É o vale, verde a serra, verde tudo
em que os meus olhos, deslumbrado, ponho.*

*Bruto alcantil de aspecto mau, desnudo
Esvão de terra, ríspido e tristonho
— Agora, têm branduras de veludo,
Verdes agora os vejo, como em sonho!*

*Em cima, a sós, contemplo verde liana,
Verde, tão verde, com carícia humana
As ruínas afagando a uma tapera.*

*E, na contemplação que me não cansa,
Sinto quão doce és tu, cor da Esperança
— Até nos olhos de quem nada espera. . .”*

O Prólogo setissilábico de *Terra Mártir*, seguido do soneto “Terra Natal”, e que deveria ter esse último nome, fala do mar, do céu, da vela das jangadas, das ondas de saudade que lhe quebram às costas do coração:

*“Os verdes mares . . . Coitado
De quem nasce a ouvir seu treno:
— Também será desterrado
Como o filho de Moreno.*

*Percorrer em desatino
Terra e terra, mar e mar,
Eis de uma raça o destino.
Bem que o disseste, Alencar!*

*Fortaleza, meu Lar santo,
Onde aprendi a cantar.
Que infortúnio! Amo-te tanto,
E não posso gozar!*

*Ai paisagens do sol posto,
Origens dessa natureza.
Ai minhas noites de agosto,
Luaceiros de Fortaleza!*

*Ó filha da terra agreste
Minha irmã, meu terno lírio:
Quando os olhos me puseste,
Sofri todo o teu martírio.*

*Serrana, triste serrana,
Inda nos teus olhos erra
A saudade da choupana,
Que lá ficou sobre a serra.*

*Ao beijar o filho inerte,
Na sua imensa desdita,
Um rio de pranto verte
Dos olhos da mãe aflita.*

*Ah, pobres mães sertanejas!
Choram tanto, choram tanto!
— Sertão por que não vicejas
Com essas fontes de pranto?*

*O clarão da lua cheia
Traz-me saudades e penas:
Por noite assim, numa aldeia,
Em Mucuripe, às novenas...*

*Dás-me, ó lua, a antiga febre,
Aquele infantil fervor
Com que eu rezei no casebre
Da filha de um pescador.*

*Ai de ti, duna alvadia
Das minhas praias natais!
Noite e noite, dia e dia.
Sacodem-te os vendavais.*

*És a imagem, pobre duna,
Da minha felicidade,
Que o vento mau da fortuna
Faz e desfaz à vontade.”*

Como é fácil notar, Júlio Maciel beijava o chão natal como os árabes em reverência a Allah, isto é, com as duas mãos ou os dois braços entrando na areia, amplexando-a, bifurcada raiz de um grande amor dividido entre o sertão e o litoral.

É fecho de um livro seu o poema “Árvore Estéril”.

Eis outro vegetal subindo dos alicerces geológicos.

Já nesses dias a sua lira afina pela clave de dó das reminiscências da juventude, dos primeiros e inesquecíveis amores. E diz que “estéril não será seu afeto — quando frutificar ao menos em saudade, e frutificar em verso”.

Em evocando, nesta noite, a personalidade de meus dois bem caracterizados e distintos antecessores, descubro neles a afinidade do estro romântico: ambos rimavam em torno de temas idênticos e de imagens parecidas. Se Mário da Silveira deu a lume o seu *Coroa de Rosas e de Espinhos*, Júlio Maciel terminou assim um de seus mais correntios poemas:

*“Ah! minha rosa de um dia!
De um dia, não — de um momento:
Desabrochou e morreu.
Que é do aroma e louçania?
As folhas . . . que o diga o vento.
Dos espinhos bem sei eu!”*

Acúleos e dos mais perfurantes houve no caminho curto de um e na estrada longa de outro. Mas o que, enfim, importa, nem que seja por um minuto de sol, é a pompa das corolas, o odor da poesia.

Em *Poemas da Solidão* há um soneto antológico, mas perdido como uma pérola no fundo do mar e que trago à tona como um escafandro interessado apenas na sua beleza simbólica: “Os Grous”.

*“Por sobre a serra e o vale, a tribo aventureira
Dos grous em fuga passa a pleno firmamento,
— Libérrimo e veloz, em compacta fileira.
Alto, a pompear ao sol o plumacho opulento.*

*Súbito, o vale e a serra atroa arma traiçoeira.
E, como se as movera humano entendimento,
Eis as aves sustêm no espaço a companheira
Que rodopiou, fechando o remigio sangrento.*

*E, enquanto o caçador, a carabina em pouso,
Faiscantes, presos no ar os olhos que nem brasas,
A sua opima caça, em baixo, aguarda ansioso:*

*Alto, a pompear ao sol, lá vão os grous em bando,
Irmanados, lá vão! nas protetoras asas,
Espaço acima — o grou moribundo levando!”*

Eu não diria que o alexandrino é o mais perfeito do mundo. Mas que poucos sonetos como esse, na poesia brasileira, existem, tenho a coragem de dizer, empolgado pelo patético da concepção e pelas alturas em que se situa.

Entre os grous da poesia nacional, Júlio Maciel vinha também pompeando ao sol quando é alvejado em pleno vôo. A Morte, disfarçada em Diana, a Caçadora, feriu-o impiedosamente no ar.

Ele era desta Academia, deste grupo de homens de letras, deste seleto bando de tantas aves cantoras e imortais. Precisamos, como os grous solidários e protetores, apanhá-lo na queda do esquecimento popular, sustendo-o nos páramos a que, verso a verso, degrau a degrau de uma Escada de Jacó, subiu e gorgoeou. Contem comigo nesse trabalho fraternal ou nessa luta contra as carabinas da inveja e do despeito, do materialismo ou da anti-espiritualidade, sempre assestadas para o céu!...

Senhores Acadêmicos,

No início de sua magnífica oração de posse na Academia Brasileira de Letras, Paulo Setúbal pediu permissão aos presentes, olhos rasos d'água, para deixar, por um momento, as galas daquela festa nacional e internar-se em espírito, arrebatado de nostalgia e reconhecimento filial, São Paulo a dentro, em busca de um bairro pobre de sua cidade natal, para lá beijar a fronte augusta e veneranda de sua mãe, que, àquelas horas de sua consagração literária, deveria, como sempre o fizera em júbilo ou aflição, estar rezando o terço ao pé do velho oratório doméstico, pela felicidade do filho imortal.

Ao final deste discurso, também de posse, desejo fazer uma evocação sentimental semelhante.

Permiti-me trazer de longe, pelos caminhos do Tempo, a figura singular de um artista: meu pai, o maestro Henrique Jorge, sobre cujo túmulo os ciprestes do São João Batista modulam, nas cordas e com os arcos de suas frondes pendidas, as plangências da sua tristeza vegetal, quase humana.

Seu nome, para glória minha e da família, figura hoje em Escola de Música, em Orquestra Sinfônica, em Sala de Aula, em rua e bairro, nos jardins e em livros. Foi a herança que me deixou, a chave verdadeira com que, em lugar de gazua, abri a porta de segurança desta Casa.

Em seu livro *A Padaria Espiritual*, Leonardo Mota esclarece: “A Padaria Espiritual se dizia uma sociedade de rapazes, não apenas de letras, mas também de artes. Logo em 1892, Henrique Jorge e Luís Sá representaram as artes no grêmio. Luís Sá era o Correggio del Sarto e Henrique Jorge o Sarasate Mirim. Este o embaixador da Música; aquele, o plenipotenciário da Palheta e do Pincel.”

O Pão, órgão de divulgação da Padaria, noticiou assim, um dia, o regresso de meu pai do extremo norte do país: — “Acompanhado, não de sua excelentíssima família, mas de seu excelentíssimo violino, chegou há dias do Pará o nosso preza-díssimo consócio Henrique Jorge. Não trouxe correntão nem chapéu de sol, mas trouxe, em compensação, seu bom humor a expandir-se, a cada instante, em cintilantes pilhérias.”

Quem diria que meu pai, um homem tão provado nas vicissitudes da vida, fosse tão alegre e divertido!

Conta ainda Leonardo Mota: “Numerosas noitadas da “Padaria” foram animadas pelo violino de Henrique Jorge. A 18 de setembro de 95, ele fez inteiro jus a esta honrosa menção: — Sarasate Mirim, acompanhado ao piano por Dinorá Nava, executou um trecho de *Il Trovatore*, e o fez com tão vibrante emoção artística, com tal dose de sentimento a sacudir-lhe os nervos, que todos ficaram sendo como que joguetes de seu arco, agulha mágica a bordar, em seus vaivéns, arabescos de sensações profundas na tela das almas circunstantes.”

Como viram, meu pai, padeiro de receitas próprias, tirava do forno comum o mais sedativo dos alimentos. Tirava quentinha a música. A música, que é literatura vasada em notas, que é verso com seus compassos, que é poesia em larga pauta, que é síntese poliglótica de todas as línguas do mundo, que é o esperanto do pensamento universal.

Nos meus silêncios, fermatas de dor, eu o escuto. Na minha sede espiritual de eternidade, não o vejo morto. Ai de mim, se não fora a fé. A fé, que me diz, não à orelha, mas ao coração, não em termos matemáticos, mas com silogismos perfeitos, que ele também está presente a esta festa, mais

vivo do que quem mais esteja, mais feliz do que nós, ainda envolvidos no mistério do que há de vir e na angústia do que nos pode acontecer.

Eu creio, com base nas provas metafísicas, morais e psicológicas, na imortalidade da alma.

Eu creio, a despeito de nossas fraquezas humanas, na comunhão dos santos.

Eu creio, em que pese as teorias de Freud, ao materialismo dialético hegeliano e à idolatria do sexo, neste século pagão, na ressurreição da carne!